

**Maternidade e carreira científica:** experiências e concepções das docentes mães da Universidade Federal do Pampa

**Motherhood and scientific careers:** experiences and conceptions of mother teachers at the Federal University of the Pampa

Aline Teresinha Walczak <sup>1</sup>

Fabiane Ferreira da Silva <sup>2</sup>

### Resumo:

Somos socializados historicamente em uma sociedade que reproduz e naturaliza as desigualdades de gênero. A ciência, que é resultado da construção humana, reproduz em seu interior os valores socioculturais da sociedade, se constituindo assim, de forma androcêntrica e sexista, restringindo e excluindo historicamente as mulheres de seu contexto. Fazer ciência exige dedicação de tempo integral para o cumprimento das atividades ligadas à pesquisa, ensino e extensão, demandas que desconsideram as particularidades das mulheres, como a vivência da maternidade, que, por pelo menos um determinado período, também exige dedicação em tempo integral de cuidados. O artigo refere-se a uma pesquisa qualitativa exploratória, ancorada nos Estudos Culturais, na perspectiva pós-estruturalista, objetivando, a partir do uso de questionários, investigar se a maternidade impacta a carreira das docentes da Universidade Federal do Pampa, bem como analisar de que forma as mesmas conciliam as demandas entre a maternidade com a carreira na ciência. Percebemos, a partir da pesquisa, que a conciliação da maternidade com a carreira científica impacta de alguma forma, a carreira das cientistas mães, representando para muitas, um dilema constante de sobreposições de papéis, consequência tanto da ciência androcêntrica quanto da sociedade, que responsabiliza majoritariamente as mulheres pelos cuidados com a vida privada.

**Palavras-chave:** Maternidade; Mulher; Ciência; Carreira científica; Cientista.

### Abstract:

We are historically socialized in a society that reproduces and naturalizes gender inequalities. Science, which is the result of human construction, reproduces in its interior the sociocultural values of society, thus constituting itself in an androcentric and sexist way, historically restricting and excluding women from its context. Doing science requires full-time dedication to the fulfillment of activities related to research, teaching, and extension, demands that disregard the particularities of women, such as the experience of motherhood, which, for at least a certain period, also requires full-time dedication of care. The article refers to a qualitative exploratory research, anchored in Cultural Studies, from a post-structuralism perspective, aiming, through the use of questionnaires, to investigate whether motherhood impacts the career of female professors at the *Universidade Federal do Pampa*, as well as to analyze how they reconcile the demands between motherhood and a career in science. We noticed, from the research, that the conciliation of maternity with the scientific career impacts in some way, the career of mother scientists, representing for many, a constant dilemma of overlapping roles, a consequence of

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, pela Universidade Federal de Santa Maria; Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pampa; Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Fronteira Sul. <https://orcid.org/0000-0003-4240-0769>. E-mail: [alinewalczak@gmail.com](mailto:alinewalczak@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente associada da Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana. Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande; Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Graduada em Licenciatura em Química, pela Universidade Federal do Rio Grande. <https://orcid.org/0000-0002-0608-4490>. E-mail: [fabianesilva@unipampa.edu.br](mailto:fabianesilva@unipampa.edu.br)

both androcentric science and society, which holds women mainly responsible for the care of private life.

**Keywords:** *Motherhood; Women; Science; Scientific career; Scientist.*

## Introdução

Nossa sociedade, historicamente alicerçada em valores patriarcais, produz e reproduz constantemente discursos e práticas de gênero que naturalizam o machismo e o sexismo nas relações e instâncias sociais. É a partir desses discursos e práticas, constituintes da cultura social, que a identidade dos sujeitos vai sendo construída e moldada desde o seu nascimento, influenciando seus comportamentos, atitudes e pensamentos (OLIVEIRA; MAIO, 2016). Dessa forma, são aprendidas e naturalizadas determinadas representações sociais, ou seja, é diferenciado e ensinado quais atitudes, capacidades e responsabilidades seriam “adequadas” para cada gênero, de acordo com o chamado “determinismo biológico”. Não é reconhecido assim, que as desigualdades e diferenças de gênero são culturalmente impostas e aprendidas (SCOTT, 1995; LOURO, 2000; CITELI, 2001).

Nessa perspectiva, por muito tempo, as mulheres foram impedidas de frequentar espaços de produção do conhecimento, sendo sua educação voltada para os cuidados com a vida privada, enquanto os homens eram instruídos a terem participação na vida pública, estimulados a frequentar os espaços de ensino e a participar da produção do conhecimento (GROSSI *et al.*, 2016). Diversas mudanças foram protagonizadas a partir das reivindicações do movimento feminista e das revoluções socioeconômicas no século XX, que possibilitaram novas configurações sociais e culturais, ao questionar os discursos que respaldavam o determinismo biológico e as desigualdades de gênero (MUÑOZ *et al.*, 2020). Entre as mudanças provocadas, destacamos a entrada das mulheres nas esferas públicas da sociedade, como na ciência, que, entretanto, não extinguiu as desigualdades de gênero e não desresponsabilizou as mulheres das obrigações com a esfera privada (SILVA; RIBEIRO, 2014).

Atualmente, as mulheres ainda enfrentam dificuldades para estabelecerem-se e permanecer em determinadas áreas da ciência em consequência das desigualdades de gênero tanto no âmbito social quanto científico (OLINTO, 2011). A experiência da maternidade, que é realidade de muitas mulheres cientistas, também é outro fator que pode constituir-se de forma conflituosa para elas, que se veem diante da necessidade de conciliar as demandas de cuidados com as(os) filhas(os) e as demandas da carreira na ciência (PRADO; FLEITH, 2012; LEMOS; MELLO, GUIMARÃES, 2014). Nessa perspectiva, mesmo com a saída das mulheres para os

espaços públicos como a ciência, ainda é-lhes socialmente imposto o sentimento de precisar “dar conta de tudo”, precisando ser “a mulher altamente organizada, eficiente, profissional que também é uma esposa amorosa e uma mãe perfeita” (SCHIEBINGER, 2001, p. 186).

Dessa forma, a sobrecarga das mulheres é expressa na necessidade de elas precisarem conciliar a maternidade, os cuidados domésticos e a carreira profissional simultaneamente, tendo a disponibilidade temporal para fazer essa conciliação, como se uma atribuição pudesse ser exercida de forma isolada e independente da outra. Buscando sinalizar os problemas da ciência pautada em valores androcêntricos, que não compreendem as particularidades das mulheres, como a vivência da maternidade, que a temática vem ganhando cada vez mais destaque nos últimos anos, com pesquisas, eventos e debates. Um exemplo disso é movimento *Parent in Science*<sup>3</sup>, que busca, a partir da realização de pesquisas e a organização de eventos sobre o tema, sinalizar de que forma a maternidade impacta a carreira das mulheres cientistas e que esse impacto deve ser considerado no contexto da ciência.

As problematizações e investigações em torno do contexto cultural e social dos sujeitos, bem como suas relações interpessoais, historicamente construídas a partir dos discursos e práticas sociais, estão entre o foco das investigações dos Estudos Culturais, referencial que norteia a presente pesquisa, juntamente com os estudos de gênero, que direciona as indagações em torno das problemáticas de gênero na sociedade. Assim, destacamos que os desafios impostos às mulheres ao longo de suas carreiras na ciência são construídos pela forma como a sociedade e a ciência foram historicamente organizadas, em que a divisão desigual do trabalho e a ciência pautada em valores masculinos de produzir o conhecimento restringem e dificultam a carreira das mulheres (OLINTO, 2011). Dessa forma, o presente artigo busca analisar de que forma a maternidade impactou e/ou impacta a carreira científica das docentes da Universidade Federal do Pampa<sup>4</sup> (Unipampa).

---

<sup>3</sup> Outras informações podem ser consultadas em: <https://www.parentinscience.com/>

<sup>4</sup> Tem sua estrutura descentralizada e multicampi localizada nas cidades de Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana, somando um total de 10 *campi*. Atualmente, a universidade conta com 69 cursos de graduação (4 em extinção), 04 de doutorado, 10 mestrados acadêmicos, 08 mestrados profissionais e 35 especializações, e um total de 923 docentes, distribuídos nos 10 *campi* da universidade, sendo que, destes, 440 são mulheres (<https://unipampa.edu.br/portal/#>).

## 1. Percursos metodológicos

A presente pesquisa, apresenta abordagem qualitativa e exploratória (GIL, 2002), na perspectiva de assim, não fazer somente o levantamento de informações sobre um determinado assunto, mas também, buscar a compreensão do seu contexto, mapeando as condições de sua manifestação (GIL, 2002). Ademais, a pesquisa qualitativa possibilita fazer uma relação “dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20). Assim, utiliza-se esta abordagem por tratar de questões particulares, adentrando no âmbito dos significados, motivações, atitudes, sentimentos e relações entre outros fenômenos que não podem e nem devem ser quantificadas (MINAYO, 2002).

Diante disso, este estudo fundamenta-se no referencial dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, na perspectiva pós-estruturalista. Os estudos culturais, buscam investigar as relações entre cultura e sociedade, questionando, problematizando e criticando os discursos e práticas, bem como as relações sociais e o contexto cultural dos sujeitos, fazendo sua ressignificação (LOURO, 2000). De acordo com Escosteguy (2004, p.138-139), os estudos culturais buscam investigar “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais” Ainda, os estudos de gênero evidenciam, problematizam e criticam a falta de equidade de gênero, bem como as representações de gênero impostas ao longo do processo de subjetivação das mulheres na sociedade, destacando que as mesmas não são biologicamente impostas, mas sim culturalmente produzidas e reproduzidas no contexto social.

Ainda, ao considerar as desigualdades em torno das relações de gênero e ciência na sociedade contemporânea, reforça-se a relevância de pesquisas a respeito da conciliação da maternidade com a carreira científica. Somando-se a essas questões, destacamos a pandemia e seus efeitos, que nos coloca diante de novas formas de se relacionar e de se perceber. Sendo assim, são necessárias novas estratégias de investigação, apropriadas para um contexto de pandemia. Neste estudo, utilizamos os questionários *on-line* como forma de produção de dados.

De acordo com Gil (2002), os questionários como metodologia de produção dos dados possibilitam estudar características específicas de um grupo (gênero, idade, nível de escolaridade, etc.), além de levantar outras informações pertinentes, como suas crenças e opiniões. Dessa forma, após a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética e Pesquisa –

CEP/Unipampa, sob o número CAAE: 32895720.0.0000.5323, foi elaborado um questionário *on-line*, como ferramenta para produção de dados.

O referido questionário, foi construído no *Google Forms* e, posteriormente, encaminhado para o e-mail institucional das docentes da Unipampa, com uma breve apresentação da pesquisa e seu *link* para acesso. O questionário, teve o objetivo de traçar um perfil inicial das professoras e investigar como a maternidade impactou e/ou impacta a carreira científica das docentes da Universidade Federal do Pampa. Ressalta-se que o anonimato das participantes da pesquisa foi totalmente assegurado. Ademais, antes de responderem o questionário, as docentes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no formato digital, em que as professoras foram convidadas a aceitar ou recusar participar do estudo.

Com o levantamento realizado no site institucional da Unipampa<sup>5</sup>, chegou-se ao número total de 440 docentes distribuídas nos 10 *campi*. O questionário ficou aberto para as respostas das interlocutoras durante o mês de outubro de 2020, ou seja, por um período de 31 dias. Obteve-se o retorno 89 docentes e a partir das experiências dessas cientistas, a análise de como essas pesquisadoras conciliam as exigências da maternidade com a carreira científica tornou-se possível.

Os questionários respondidos foram armazenados no *Google Forms* e posteriormente gerado uma planilha do Excel para a qual atribuímos um número de identificação para cada questionário. Assim, os dados de pesquisa são apresentados no texto da seguinte forma: P (participante) seguido do número do questionário, por exemplo P2, na sequência a idade da participante, a área de atuação e o número de filhas(os). Assim, cada excerto, será seguido desse modelo de identificação: (P2; 50 anos; Ciências Biológicas; 01 filha/o).

## 2. Ser mãe e cientista: considerações sobre maternidade e a carreira

Com relação ao perfil das participantes da pesquisa, 94% das docentes participantes se autodeclararam brancas, 5% pardas e 1% pretas. Tal perfil racial corrobora com os dados apresentados por Soares e Silva (2019), que ao investigarem o perfil do quadro docente da Unipampa, concluíram que de um total de 46% de docentes mulheres da universidade, apenas 5,4% destas são professoras negras. Ainda, de acordo com os dados do Instituto Nacional de

---

<sup>5</sup> Para maiores informações, acessar: <https://unipampa.edu.br/portal/#>

Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (BRASIL, 2018a), apenas 16% do total de professoras(es) do ensino superior se autodeclararam negras(os). Esses dados evidenciam a baixa representatividade de professoras(es) negras(os) na docência do ensino superior no Brasil, e em especial neste estudo, a baixa representatividade de docentes mulheres negras na Unipampa, sendo isso resultado do racismo estrutural<sup>6</sup> ainda muito presente no contexto social, bem como da resistência da ciência em romper com as desigualdades raciais (SOARES; SILVA, 2019).

Ademais, a maior parte das docentes possui idade entre 35 e 45 anos (53%), seguido de 25 e 35 anos (22%), 45 e 55 anos (17%) e 55 anos ou mais (8%). Com relação às áreas de atuação das participantes da pesquisa, o maior número de docentes faz parte da área de Ciências Biológicas (26,7%), seguido de Ciências Sociais Aplicadas (17,4%), Ciências da Saúde (15,1%), Ciências Humanas (14%), Ciências Exatas e da Terra (14%), Ciências Agrárias (11,6%) e, por fim, em menor número, Engenharias (7%). Assim, com relação aos dados pertinentes à área de atuação das participantes, destacamos que os mesmos demonstram que as mulheres estão mais presentes em áreas da ciência que são socialmente consideradas como femininas, ou seja, áreas como a Ciências Humanas, as Sociais e Aplicadas e as da Saúde.

Ao tratarmos das problemáticas enfrentadas pelas mulheres na ciência, não podemos deixar de relacionar às problemáticas enfrentadas pelas mulheres na sociedade, pois, sendo a ciência produto social e cultural (OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2017), ela reproduz, em seu interior, valores, discursos e práticas históricas da sociedade. Nessa perspectiva, segundo Biroli (2018, p. 24), a atual divisão sexual do trabalho é a base das desigualdades de gênero, visto que faz com que as mulheres “tenham chances relativamente menores do que os homens de ocupar posições na política institucional e de dar expressão política, no debate público, a perspectivas, necessidades e interesses relacionados à sua posição social”. Segundo a autora, tratar sobre a divisão sexual do trabalho “é tocar no que vem sendo definido, historicamente, como trabalho de mulher, competência de mulher, lugar de mulher. E, claro, nas consequências dessas classificações” (BIROLI, 2018, p. 21).

Dessa forma, as barreiras ainda encontradas pelas mulheres ao longo da carreira científica são consequências de uma sociedade que, historicamente, coloca-as em posição de

---

<sup>6</sup> Compreendemos o conceito a partir de Almeida (2019), que destaca que o racismo estrutural faz parte de um processo histórico e político, que produz condições para que grupos racionalmente identificados, sejam de alguma forma, discriminados.

inferioridade e responsabiliza-as de forma distinta pelas demandas da vida privada. Assim, as desigualdades de gênero nas carreiras científicas são respaldadas pelos valores sociais que impõe às mulheres “as tarefas domésticas e a educação das(os) filhas(os), embora tenham que estar no mercado, em pé de igualdade com os homens no que tange a responsabilidades e jornada de trabalho” (SOUZA; FAGUNDES, 2004, p. 178). Ademais, a sobrecarga que recai sobre as mulheres cientistas é consequência da ciência pautada em valores masculinos de produzir o conhecimento, que não reconhece as especificidades das mulheres oriundas da desproporcional responsabilização pelo trabalho privado.

É importante destacar que as atribuições das(os) cientistas no Brasil vão além do processo de fazer pesquisa, envolvendo também demandas ligadas ao ensino e à extensão. Desse modo, a carga de trabalho das(os) cientistas na academia pode se constituir de forma excessiva, com atividades como o preparo e o ministério de aulas, realização pesquisas, participação em reuniões e eventos, orientação de estudantes, entre outras atividades que exigem dedicação integral por parte delas(es). Essa demanda de trabalho, que exige dedicação integral à carreira, pode representar um constante dilema de sobreposição de papéis na vida das cientistas mães, que podem se ver divididas entre a maternidade e a carreira científica (LEMOS; MELLO, GUIMARÃES, 2014).

Nessa perspectiva, corroboramos com Silva (2020, p. 54), quando afirma que “‘Ou tu é cientista ou tu tem filho’ é uma questão que se coloca para muitas mulheres, em função da necessidade de conciliar as identidades de cientista e mãe”. Muniz *et al.* (2020) destacam que a ciência, da forma como está estruturada, é incompatível com a vivência da maternidade, pois, para as autoras, ser mãe e cientista significa desafio extra, que leva a exaustão devido à exigência temporal que as duas atividades exigem, o que impacta não somente a carreira das mulheres, mas também suas relações interpessoais e sua experiência com a própria maternidade. A sobrecarga de trabalho gerada nas dificuldades de conciliar a carreira científica com a maternidade pode ser percebida a partir das respostas das participantes da pesquisa, conforme exposto abaixo:

Conciliação de excesso das demandas laborais enquanto docente, que exigem conclusão em meu ambiente familiar, tendo, em algumas circunstâncias, escolher entre uma demanda de trabalho e momentos com minha filha. (P10; 29 anos; Ciências da Saúde; 01 filha/o)

O fato de ter filhos faz com que você tenha que se organizar de forma mais flexível em relação ao trabalho, e isso as vezes acaba por afetar profissionalmente (P39; 41 anos; *Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes; 02 filhas/os*)

A todo momento sinto que preciso escolher entre exercer a maternidade de forma plena e gerar produtividade acadêmica e científica em minha carreira. É muito difícil fazer as duas coisas de maneira completa e satisfatória. (P24; 40 anos; *Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes; 01 filha/o*)

Percebo, depois de me tornar mãe, o quanto é difícil conciliar a maternidade com a carreira profissional. Percebi o quanto não tive mais tempo para fazer leituras, reuniões de estudo e me envolver na pesquisa como antes. Me sinto muito exausta. Passei a refletir muito mais sobre a relação da sociedade com as mulheres, o quanto é injusta. (P57; 45 anos; *Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes; 01 filha/o*)

Depois da chegada da bebê, o tempo é outro. Não tenho como me dedicar às reuniões, às atividades acadêmicas como se deseja e como a academia exige. Muitos colegas não entendem que, em muitos momentos, temos que optar por cuidar do filho ou participar de reuniões, ações. (P42; 42 anos; *Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes; 01 filha/o*)

A conciliação da maternidade com a carreira científica, que representa muitas vezes um dilema na vida das mulheres, é consequência da desigual responsabilização social do cuidado com as(os) filhas(os) que culturalmente é imposta às mulheres. Segundo Muniz *et al.* (2020), a sobrecarga da maternidade é tão naturalizada sob a perspectiva de instinto materno e amor incondicional, que assumir outras responsabilidades exige das mulheres o contorno de inúmeros e solitários desafios e preconceitos. A maternidade, assim como a ciência, é fruto da construção social e vem sofrendo, ao longo da história, uma série de transformações, sendo que, até meados do século XVIII, a organização social em torno da infância e, conseqüentemente, da maternidade era bastante divergente da organização contemporânea, não tendo o mesmo significado e valor social que tem hoje (BADINTER, 1985).

Segundo Badinter (1985), até o século XVIII, eram comuns sentimentos de desprezo e indiferença pelas crianças, sendo corriqueiro o abandono infantil e, em famílias ricas, a utilização das chamadas “amas de leite”, mulheres que amamentavam e cuidavam, geralmente,

em condições precárias, das crianças nos primeiros anos de vida. A partir do século XVIII, novas configurações sociais começaram a ser delineadas, quando o Estado começou a perceber a criança como futura mão de obra mercantil. Nessa perspectiva, a maternidade, que antes era vista como algo indiferente na vida das mulheres, começou a ganhar novos contornos sociais, sendo romantizada por meio de discursos que enfatizavam a naturalização da maternidade a partir de um suposto amor e instinto materno inato, associando-a como sinônimo de feminilidade, realização e satisfação plena da mulher (STEVENS, 2007).

Um novo modelo de família é delineado e o papel da mulher no núcleo social e familiar é ressignificado, sendo ressaltado a importância delas no cuidado das(os) filhas(os), vistos como “o futuro da nação”. Assim, a romantização da maternidade foi crucial para manter as mulheres no espaço doméstico, cuidando da casa, das(os) filhas(os) e do esposo, sendo reproduzidos discursos que promovem um ideal materno a ser atingido, no qual uma boa mãe era caracterizada como sendo benevolente, carinhosa, cuidadosa e amorosa com suas(seus) filhas(os), atendendo com disposição todas as demandas da maternidade, desde a higiene até a educação e transmissão dos valores morais e sociais (STASEVKAS, 1999). Segundo Stevens (2007), as novas concepções sobre a maternidade, imposta como destino natural das mulheres, com respaldo em um suposto amor e instinto inato, foram também um mecanismo de controle sobre as mulheres na vida privada, reforçando o modelo de família baseado no binário sistema: provedor/dona de casa.

O movimento feminista da segunda onda, ao criticar o determinismo biológico, problematizou e questionou também a romantização da maternidade, buscando desnaturalizar as concepções que definem a maternidade como destino natural de todas as mulheres, sinônimo de felicidade e realização plena. A partir disso, pesquisadoras, como Badinter (1985), Stevens (2007) e Schiebinger (2001), visibilizaram a temática ao questionar e problematizar os discursos e práticas de gênero, bem como a naturalização da maternidade como constituinte da feminilidade da mulher. Entretanto, os reflexos da histórica romantização da maternidade ainda podem ser percebidos atualmente, pois, mesmo com a saída das mulheres para as esferas públicas da sociedade, elas continuam sendo majoritariamente responsabilizadas pelos cuidados das(os) filhas(os), sob justificativas dos discursos sobre o amor materno e do instinto materno, que continuam sendo reproduzidos.

Neste sentido, como já mencionado anteriormente, a entrada das mulheres na ciência e no mercado de trabalho não extingue a problemática da divisão sexual do trabalho e, assim, não

desobriga as mulheres das responsabilidades com o trabalho privado (SILVA; RIBEIRO, 2014). Nessa perspectiva, a romanização da maternidade é acentuada pelo discurso normativo de que “o corpo de quem pari tem sobre si a exclusiva responsabilidade do cuidar, revelando a sobrecarga doméstica vivenciada por muitas mulheres, dentro e fora do contexto acadêmico” (MUNIZ *et al.*, 2020, p. 106). Dessa forma, a conciliação da maternidade, que, por pelo menos um determinado período de tempo, exige dedicação física, mental e temporal exclusiva, com a carreira científica, formulada por demandas que também exigem dedicação de tempo integral, pode se constituir desafiadora, emblemática e exaustiva.

Os dados produzidos na pesquisa, evidenciaram que 88% das pesquisadoras já precisaram ou optaram, em algum momento, deixar de fazer algo em sua carreira profissional em função da maternidade. Ademais, 79% já precisaram ou optaram, em algum momento, deixar de fazer algo envolvendo algum aspecto da maternidade em função de sua carreira profissional. Esses dados demonstram que a dupla jornada de trabalho, imposta socialmente às mulheres, torna-se emblemática na medida em que, muitas vezes, é complexo conciliar a carreira profissional com a realidade familiar. Sentimentos como a culpa, frustração e angústias, são comuns para muitas mães cientistas, que se veem diante da impossibilidade de conciliar, da forma em que é imposto pela ciência e pela sociedade, as tarefas profissionais com a maternidade (MESTRE *et al.*, 2020). Nos excertos abaixo, percebemos o quão desafiador e difícil é a conciliação da maternidade e da carreira científica para as docentes participantes, principalmente quando é necessário escolher atender uma demanda em detrimento da outra:

Complicado, porque em todos os casos tem um sentimento de perda, de sentir que poderia ter potencialidade para fazer mais e melhor, mas não fiz, mas certamente deixar de fazer algo que envolva maternidade é mais dolorido porque trata-se de seres humanos que dependem e confiam em você (P17; 54 anos; Ciências Humanas; 01 filha/o)

Um misto de frustração por não estar atendendo as demandas da maternidade ou da carreira profissional como gostaria. (P04; 39 anos; Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes; 01 filha/o)

Esses dois momentos foram difíceis de vivenciar, pois eu sentia estar deixando um dos lados para trás. Me sentia devedora, ou como mãe, ou como trabalhadora. (P26; 36 anos; Ciências da Saúde; 02 filhas/os)

Deixar de participar de missões técnicas por não ter com quem deixar as crianças, ou mesmo me endividar para poder carregá-los junto durante o doc sanduíche foram situações de grande tensão e desestímulo. Assim como deixar de participar de atividades escolares ou mesmo de lazer com as crianças para atender necessidades de trabalho também foram frustrantes. Sentimento de culpa e inabilidade, insuficiência para ambas as funções. (P64; 35 anos; Ciências Agrárias; 02 filhas/os)

Segundo Lima, Braga e Tavares (2015), os esforços das mulheres para conciliar a maternidade com a carreira podem acabar trazendo alguma perda, seja com relação à família ou com relação à profissão, que as deixam em uma situação de desvantagem na competição profissional com os homens. Dessa forma, a disponibilidade de tempo exigida pelos valores androcêntricos para fazer ciência representam, muitas vezes, na vida das mulheres cientistas e mães, a disponibilidade de tempo e atenção negados para estar com as(os) filhas(os), o que, socialmente, significa um comportamento “infel” e negligente à uma suposta própria natureza feminina, que deveria priorizar suas funções de mãe e esposa (SILVA, 2020). Além disso, a representação da mulher moderna imposta socialmente, além de estar vinculada à maternidade, também está associada à imagem de sucesso na carreira (FABBRO; HELOANI, 2010) ou seja, a mulher, para corresponder ao imaginário social, precisa ser bem-sucedida profissionalmente e, ademais, ser uma mãe presente, amorosa e responsável.

É importante destacar que o emblemático conflito entre a maternidade e a carreira científica não acomete os homens, que são desresponsabilizados por qualquer atribuição de cuidados familiares e domésticos. Nessa perspectiva, notamos como os sujeitos masculinos são beneficiados pelas diferenças de gênero, em que “o trabalho que as mulheres fornecem sem remuneração, como aquele que está implicado na criação das(os) filhas(os) e no cotidiano das atividades domésticas, deixa os homens livres para se engajar no trabalho remunerado” (BIROLI, 2018, p. 28). Além disso, a dicotomização e distanciamento entre os homens e mulheres na ciência, promovidos pelo histórico afastamento das mulheres da produção do conhecimento, formulam-se como um processo que beneficia os homens a partir de diversos tipos de ganhos, como a obtenção de um número maior de bolsas de estudos, maior ocupação masculina em cargos de chefia, maior prestígio e reconhecimento das contribuições masculinas na ciência, maiores ganhos salariais (OLINTO, 2011).

Segundo Muniz *et al.* (2020), a academia ainda não está preparada para os efeitos da maternidade no cotidiano das mulheres cientistas, carecendo de políticas institucionais que reconheçam a vivência da maternidade como parte da vida delas. As autoras destacam que, entre os obstáculos que a academia impõe às cientistas mães, é possível citar a falta de estrutura física para receber as crianças e a falta de sensibilidade das(os) demais colegas, que se incomodam e, até mesmo, não toleram a presença infantil nos espaços acadêmicos. Assim sendo, a forma como a ciência é constituída reproduz uma concepção “de pesquisa/pesquisadores assépticos, objetivos, neutros, que ‘estranham’ o espaço do corpo mulher/mãe/pesquisadora e sua cria – o leite materno, o choro infantil, as falas, o correr pelos espaços, as fraldas, o colo” (MUNIZ *et al.*, 2020, p. 105). Situações preconceituosas foram citadas pelas participantes, conforme ilustrado abaixo:

No período em que a filha ainda estava sendo amamentada enfrentei preconceito e pressão para que a tirasse do peito, porque isso demandava tempo, que segundo o líder do grupo de pesquisa, atrapalhava meu desempenho. (P12; 48 anos; Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes; 02 filhas/os)

Fui impedida de fazer um pós-doc pois estava grávida; e observo que pesquisadoras com filhos recebem outro olhar. (P63; 40 anos; Ciências Biológicas; 01 filha/o)

Com alguma frequência, existem situações que a minha capacidade para fazer determinadas atividades é diminuída tendo em vista uma suposta falta de tempo por ter filhos. (P32; 38 anos; Ciências Humanas; 01 filha/o)

Foi terrível, me senti excluída, sozinha, injustiçada. Foram diversas ocasiões, mas uma em especial, quando era professora temporária na instituição (2012), era gestante e meu contrato não foi renovado pois tive a bebê e estava em licença maternidade. No ano seguinte passei no concurso para a vaga efetiva, mas nunca esqueci do trauma que foi estar desempregada com a bebê recém nascida. (P59; 37 anos; Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes; 02 filhas/os)

Diante desse cenário, é necessário que a academia compreenda e acolha as cientistas mães, a partir do reconhecimento de que: “ser mãe e cientista requer um equilíbrio entre a vida profissional e a familiar que certamente não se coloca como tarefa fácil, principalmente quando as atividades científicas pressupõem produtividade e competitividade” (SILVA, 2020, p. 58). É importante haver o reconhecimento do trabalho invisível e não remunerado que as mulheres

assumem no contexto do lar, que se refletem no cansaço físico e mental delas, afetando sua produtividade. Segundo pesquisas como as realizadas pelo *Parent in Science*, que investiga o impacto da maternidade na carreira acadêmica, demonstraram que a produtividade das mulheres mães cai significativamente, quando comparada com às mulheres que não têm filhas(os), principalmente nos primeiros anos após a gestação. Nesse sentido, Dyniewicz e Ribeiro (2020, p. 5) sublinham que

O contato com a maternidade, invariavelmente, afeta a dinâmica do trabalho acadêmico. Menos tempo de dedicação à pesquisa, prioridades redefinidas de acordo com a necessidade da criança, entre outros, impactam e desaceleram – quando não pausam – a produção intelectual e publicações da docente. A maternidade aprofunda a desigualdade, já que agora o tempo que será despendido com a criança também afetará a relação de igualdade dessa mulher com as outras que não estão, neste momento, realizando essa tarefa

A temática maternidade e ciência vêm ganhando espaço nas agendas das universidades a partir da crescente visibilização e reivindicações pertinentes à equidade de gênero na ciência. Com isso, pesquisas, eventos e discussões em torno da temática sinalizam a necessidade de a academia reconhecer a maternidade como parte constituinte da vida de muitas mulheres cientistas, assim como as cientistas mães devem ser acolhidas e respeitadas no âmbito científico. Entretanto, 74% das participantes da pesquisa responderam que não receberam nenhum apoio institucional durante a gestação e/ou após o nascimento do bebê, sendo que o principal apoio recebido pelo maior número de participantes que responderam positivamente à pergunta foi com relação a flexibilização dos horários após retornarem da licença.

Quando questionadas sobre qual tipo de apoio institucional as docentes gostariam de ter recebido, grande parte delas responderam que a flexibilização dos horários e das atividades acadêmicas, bem como o apoio emocional da instituição seriam importantes, conforme ilustrado abaixo:

Sim. Acredito que até a redução de horas trabalhadas de forma presencial ou a possibilidade de ter um espaço para as crianças na universidade facilitariam meu trabalho. Penso que uma creche dentro do campus é uma utopia, mas seria uma ótima solução. (P35; 37 anos; Ciências Agrárias; 01 filha/o)

Sim, gostaria de poder ter contado com um horário mais flexível para poder ficar mais próxima da minha filha. (P72; 59 anos; Ciências Humanas; 01 filha/o)

Sim. porque a universidade é o lugar de compreensão da diversidade, e deve fazê-lo na prática por meio de políticas de cuidado e incentivo. as mulheres sempre estão

em desvantagem, e mais ainda a mulher que tem filhos. Essa realidade deve ser cuidada. (P70; 44 anos; *Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes; 01 filha/o*)

Ampliação do prazo da bolsa e defesa da dissertação e tese. Porque o período final da gestação, bem como os primeiros meses do bebê exigem dedicação exclusiva. (P79; 34 anos; *Ciências Agrárias; 03 filhas/os*)

A instituição deveria ao menos ter me chamado para uma conversa sobre o momento de dificuldade que eu estava passando, sobre minhas potencialidades. (P30; 46 anos; *Ciências Exatas e da Terra; 01 filha/o*)

É urgente a necessidade de haver uma reconfiguração do contexto científico para o reconhecimento das singularidades das mulheres, admitindo que a maternidade é realidade na vida de muitas cientistas e que ela modifica, pelo menos, por um determinado período, as prioridades e demandas das mulheres. A ciência, ao continuar estruturada nos valores masculinos de produzir o conhecimento, sem reconhecer que, inseridas em uma sociedade sexista, as mulheres já enfrentam uma série de limitações e sobrecargas, continua restringindo a participação das mulheres em determinadas áreas, impedindo seu progresso na carreira e, em algumas vezes, “expulsando” as mulheres da ciência (OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2017). Assim sendo, percebemos, a partir dos dados produzidos na pesquisa, que mesmo com a participação cada vez mais crescente das mulheres na ciência, elas ainda não são reconhecidas em seu meio, a partir do não reconhecimento de suas individualidades e particularidades, como a experiência da maternidade.

Como mencionado anteriormente, vem crescendo nos últimos anos, as discussões sobre a maternidade e a ciência dentro das universidades brasileiras, principalmente por meio de grupos de trabalhos, núcleos de estudos e coletivos universitários. Formados por docentes, pesquisadoras(es) e discentes, eles têm como objetivo central buscar a fundamentação teórica sobre o tema por meio de pesquisas, “criando bases para o desenvolvimento do tema, incentivo e inserção nas pautas de discussão populares e através da democratização do conhecimento pensar a inserção das mulheres/mães nos espaços públicos e nas universidades” (SOARES *et al.*, 2020, p. 120). Além disso, eventos como o I e o II Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência – (UFRGS), organizados pelo *Parent in Science*, o I Seminário Sobre Maternidade – (UFRJ) e o I Colóquio Maternidade e Universidade – (UFF), demonstram que vêm aumentando as iniciativas de discussão sobre a temática na academia.

Recentemente, a partir do movimento reivindicatório iniciado pelo *Parent in Science*, foi aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a inclusão do campo licença-maternidade no Currículo Lattes, que permite sinalizar que uma possível queda ou pausa na produtividade das cientistas mães é devido à experiência com a maternidade, no qual a mesma deve ser acolhida e respeitada pela academia. Ademais, buscando a implementação de políticas de apoio à equidade de gênero, desde 2010, o CNPq faz a prorrogação de quatro meses nas bolsas de mestrado e doutorado e, desde 2012, prorroga em até um ano as bolsas de pós-doutorado e de produtividade em pesquisa para mulheres que estiveram em licença maternidade ou licença adotante. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), em seus editais de bolsa dos Projetos Cientista de Nosso Estado e Jovem Cientista do Nosso Estado e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande Do Sul (FAPERGS), no projeto Pesquisador Gaúcho, incluem, desde 2019, o acréscimo de um ano no tempo de análise dos currículos das mulheres que estiveram em licença maternidade.

Algumas universidades, como a Universidade Federal do Pampa (Unipampa), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em editais como Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PROBIC; Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Tecnológica e Inovação – PROBITI; Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, incluem um acréscimo de um ano no tempo de análise dos currículos das mulheres que estiveram em licença maternidade. Esses eventos e editais são importantes na medida em que demonstram que a academia, nos últimos anos, começa a ficar atenta à importância e necessidade de ser promovida a equidade de gênero no meio acadêmico. Ainda é importante destacar que

[...] a permanência de mulheres na ciência, especialmente as mães, depende da construção de um ambiente acadêmico que seja acolhedor e capaz de oferecer condições igualitárias, considerando a trajetória e a situação pessoal de cada mulher. Para isso, é essencial que universidades e agências de fomento reconheçam o impacto da maternidade na produção científica e adotem medidas para mitigar esses impactos dentro de suas instituições (PARENT IN SCIENCE, 2021, p. 3)

Segundo Soares *et al.* (2020, p. 121), “a luta materna nas universidades se estende para todas as mães cientistas que compõem o cenário acadêmico, os coletivos de discentes mães universitárias se multiplicaram, agregando forças a essa nova forma de entender o ambiente acadêmico”. É pertinente ressaltar que as problemáticas de gênero na ciência são consequências de uma sociedade que, tradicionalmente, produz e reproduz, em seu interior, valores patriarcais e sexistas que fomentam as diferenças de gênero, que se refletem na ciência, constituída por

esses valores. Desse modo, os movimentos acadêmicos e políticas institucionais adotadas não extinguem as desigualdades de gênero na sociedade e na ciência, mas se constituem importantes e necessários, pois buscam, de alguma forma, transformar e reconfigurar o contexto científico, almejando a equidade de gênero no ingresso, permanência e ascensão na carreira científica.

### **Considerações finais**

Nossa sociedade, que produz e reproduz discursos e práticas que fomentam as desigualdades de gênero, e a ciência, que sendo parte construção humana, reproduz em seu interior os discursos e práticas vigentes no contexto social, diferenciam e delimitam os espaços das mulheres de acordo com as representações de gênero pertinentes na sociedade. Ademais, por meio da romantização da maternidade, é acentuada a divisão sexual do trabalho, que responsabiliza, de forma distinta, mulheres e homens pelos cuidados domésticos e de pessoas, sobrecarregando as mulheres que se veem diante da necessidade de conciliar as demandas do espaço privado com a carreira profissional. Assim, as desigualdades de gênero na sociedade e na ciência, em suas diversas esferas, juntamente com caráter androcêntrico do contexto científico, que formula a ciência em torno de valores masculinos de produção do conhecimento, dificultam e/ou restringem a participação feminina na esfera científica.

De acordo com a pesquisa realizada, admite-se que a experiência da maternidade impacta a carreira das mães cientistas, por meio da diminuição da produtividade e do tempo para os demais afazeres acadêmicos. Ademais, foi possível constatar que a conciliação da maternidade com a carreira científica pode se constituir de forma conflitante para as mulheres, podendo gerar sentimentos de insuficiência, culpa e solidão. Ainda, percebemos a necessidade de maior apoio e compreensão entre as(os) docentes, bem como a falta de infraestrutura adequada e políticas institucionais de suporte e apoio à maternidade, sinalizando que a academia não admite e abriga as crianças em seu espaço, sendo ressaltado pelas participantes da pesquisa, a necessidade e importância do apoio da universidade com relação à maternidade.

Ressaltamos que apesar dos últimos avanços em políticas institucionais de apoio à maternidade, a temática ainda é emergente em nosso contexto, precisando haver uma desestruturação das dicotomias e da falta de equidade de gênero tanto na ciência quanto na sociedade como um todo. Dessa forma, a emblemática situação em torno de ser mãe e cientista, é resultado das desigualdades de gênero na sociedade, que sobrecarrega as mulheres em jornadas duplas de trabalho e, conseqüentemente, das desigualdades de gênero na ciência, que,

formulada na perspectiva androcêntrica, não reconhece e acolhe as particularidades das mulheres, como a experiência da maternidade.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1985.

BIROLI, F. **Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

Brasil. Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Mulheres são maioria na Educação Superior Brasileira**. Inep, 2018. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira>>. Acesso em: 07 out. 2020.

CITELI, M. T. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 131-145, jan./abr. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100007>>. Acesso em: 04 set. 2019.

DYNIWICZ, L.; RIBEIRO, R. R. Igualdade em Sandra Fredman: análise de caso do edital de iniciação científica da Universidade Federal Fluminense. *Revista de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social*, Campinas, v.1, p. 1-17, 2020. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/direitoshumanos/article/view/5149>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **O que, é afinal, os Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 134 – 166

FABBRO, M. R. C.; HELOANI, J. R. M. Mulher, maternidade e trabalho acadêmico. *Investigación y educación en enfermería*, Medellín, v. 28, n. 2, p. 176- 186, 2010. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3260528>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROSSI, M. G. R.; BORJA, S. D. B.; LOPES, A. M.; ANDALÉCIO, A. M. L. As mulheres praticando ciência no Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 11-30, abr. 2016. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2016000100011&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2016000100011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 24 mar. 2021.

LEMONS, A. H. C.; MELLO, G. R.; GUIMARÃES, M.F. Gerações produtivas e carreiras: o que as mulheres da geração y querem? *Revista de Administração da UFSM*, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 135-152, mar. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/view/6280/pdf>>. Acesso em: 20 out. 2019.

LIMA, B. S.; BRAGA, M. L. S.; TAVARES, I. Participação das mulheres nas ciências e tecnologias: entre espaços ocupados e lacunas. **Revista Gênero**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 11-31, jun./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31222/18311>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

LOURO, G. L. Corpo, escola e identidade. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, Jul./dez. 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46833/29119>>. Acesso em: 23 set. 2019.

MESTRE, S. O.; LOVATO, I. M.; LOPES, A. G.; AZEREDO, E. P. B. Maternidade e produção acadêmica na quarentena: experiências e reflexões de mães sociólogas. In: SOUTO-MARCHAND, A. S.; GALVÃO, E.; FERNANDEDES, M. (Orgs.). **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade, volume 1**: Artigos produzidos durante a Pandemia de Covid-19 em 2020. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 87-99.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MUNIZ, A. W. R.; DIAS, F. S.; BASTOS, K. O.; PORTO, R. M. Será mesmo sobre a pandemia? Caminhos possíveis para mães pesquisadoras. In: SOUTO-MARCHAND, A. S.; GALVÃO, E.; FERNANDEDES, M. (Orgs.). **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade, volume 1**: Artigos produzidos durante a Pandemia de Covid-19 em 2020. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 36-47.

MUÑOZ, P. O. L.; SANCHES, C.; BASTOS, P. D.; VEDOVATO, M. M.; DELLANHESE, A. P. F. Os desafios do isolamento social para mães de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento. In: SOUTO-MARCHAND, A. S.; GALVÃO, E.; FERNANDEDES, M. (Orgs.). **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade, volume 1**: Artigos produzidos durante a Pandemia de Covid-19 em 2020. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 36-47.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, v. 5 n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

OLIVEIRA, L. R.; MAGALHÃES, J. C. Esse é o show da luna: investigando gênero, ensino de ciências. **Domínios da imagem**, Londrina, v. 11, n. 20, p. 95-118, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/31880/0>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

OLIVEIRA, M.; MAIO, E. R. “Você tentou fechar as pernas?” – a cultura machista impregnada nas práticas sociais. **Polêm!ca**, Rio de Janeiro, v. 16, n.3, p. 01-18, jul./set. 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/25199>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

PARENT IN SCIENCE. **Editais que incluem maternidade**. Disponível em: <[https://www.parentinscience.com/\\_files/ugd/0b341b\\_40bcdd9b34b04ece83507ce6b8866fd8.pdf](https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_40bcdd9b34b04ece83507ce6b8866fd8.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2021.

PRADO, R. M.; FLEITH, D. S. Pesquisadoras brasileiras: conciliando talento, ciência e família. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 2, p. 19-34, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2290/229023851003.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?**. São Paulo: EDUSC, 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 22 set. 2019.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wNkT5PBqydG95V9f4dJH4kN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SILVA, F.F. Por que é preciso falar das inserção e da participação das mulheres na ciência?. In: Frick, Loriane Trombini.; PONCIANO, P.C.; BALTERLMEBS, R.C (Orgs.). **Narrativas sobre feminilidades**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 47-64. Disponível em: <<https://www.editoracriv.com.br/produtos/detalhes/35201-narrativas-sobre-feminilidades>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SOUZA, Â. M. F. L.; FAGUNDES, T. C. P. C. Acesso à educação e à produção de saberes – direitos da mulher. **Bahia Análise&Dados**, Salvador, v. 14, n. 1, p. 173-183, jun. 2004. Disponível em: <[https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=981&Itemid=284](https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=981&Itemid=284)>. Acesso em: 14 fev. 2021.

SOARES, A. C. E. C.; CIDADE, C. A. S.; SILVA, J. M. S.; CARDOSO, V. C. Apontamentos históricos do surgimento dos coletivos nacionais de mães nas universidades e o fortalecimento da luta materna na ciência brasileira dos dias atuais. In: SOUTO-MARCHAND, A. S.; GALVÃO, E.; FERNANDEDES, M. (Orgs.). **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade, volume 1**: Artigos produzidos durante a Pandemia de Covid-19 em 2020. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 115-127.

SOARES, C. B.; SILVA, F. F. Raça e Gênero no corpo docente da Universidade Federal do Pampa. **Cadernos de gênero e diversidade**, Salvador, v. 5, n. 3, jul./set., 2019 Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/22275>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

STASEVSKAS, K. O. **Ser mãe**: narrativas de hoje. 1999. 169 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública.) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-16032005-141212/pt-br.php>>. Acesso em: 30 set. 2019.

STEVENS, C. Maternidade e feminismo: diálogos na Literatura Contemporânea. In: STEVES, C. (Org.). **Maternidade e Feminismo: Diálogos Interdisciplinares**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007 p. 15-78.